ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Nº 24
II SERIE
Director - C. Malheiro Dias

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

SEGUNDO SEMESTRE DA SEGUNDA SERIE

·ILLUSTRAÇÃO·PORTUGUEZA·

·REVISTA·SEMANAL·DOS·ACONTECIMENTOS·
·DA·VIDA·PORTUGUEZA·

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

2.ª ·SERIE·

2.º ·SEMESTRE·

ARTE

·RUA·FORMOSA·—·LISBOA·

ALONSO. C.

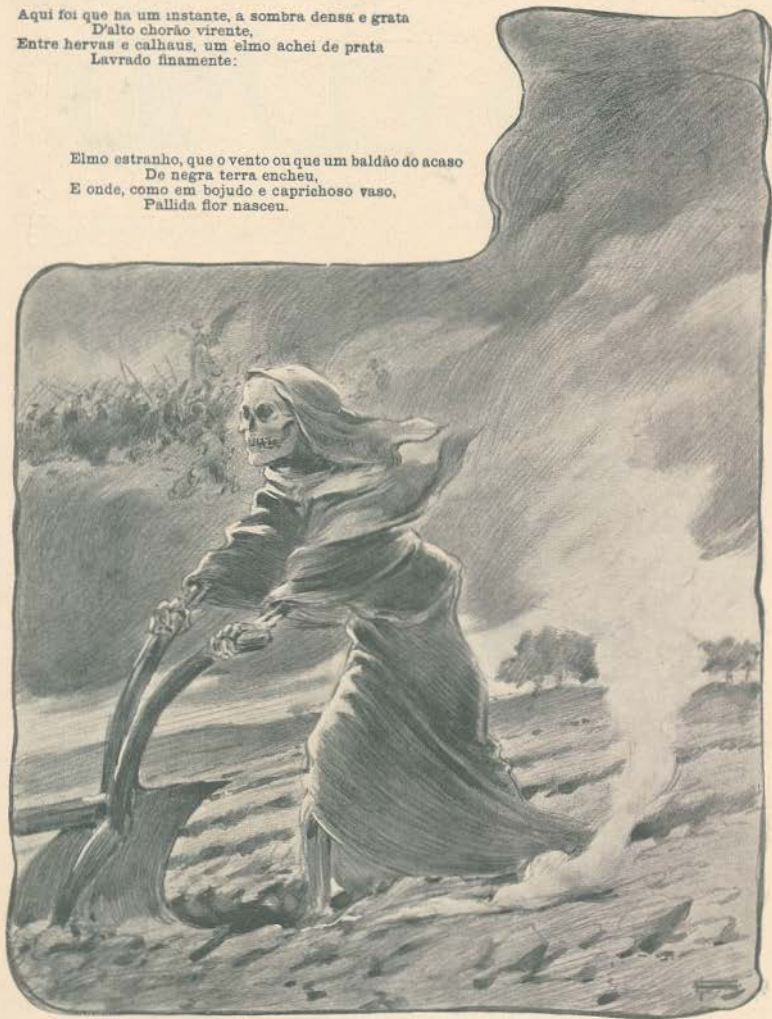
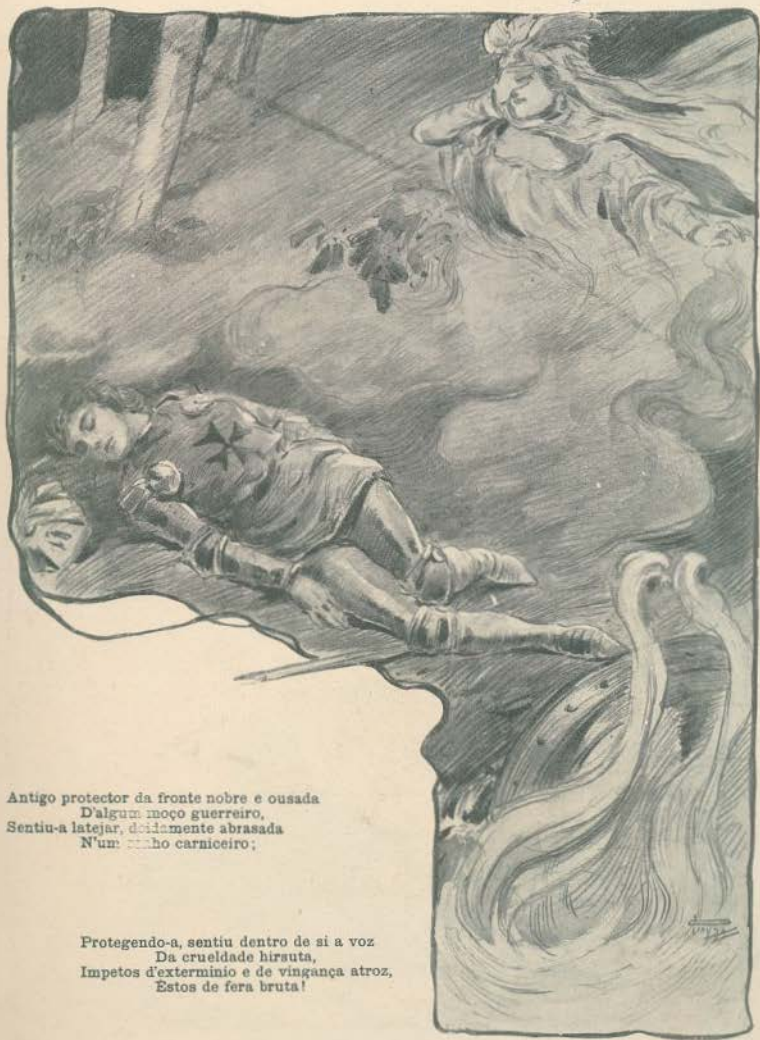
O campo que ahi vês, theatro d'uma guerra
Ha muitos annos foi:
Cada passo dos teus n'esta fecunda terra
Mede a campa d'um heroe.

Olha a seara d'oiro, olha os cachos doirados
Da vinha bella e forte;
Campos ferteis não ha como os que são lavrados
P'la charrua da Morte...

Onde o sangue correu e a traição virulenta
Rastejou na poeira,
Arrulham pombas na folhagem da cinzenta,
Pacifica oliveira...

'Spelho occulto dos sons, o echo d'este montes
Redisse ais e estertores;
Mas hoje só repete o chalrear das fontes
E o clamor dos pastores...

Aqui foi que ha um instante, a sombra densa e grata
D'alto chorão virente,
Entre hervas e calhaus, um elmo achei de prata
Lavrado finamente:

Elmo estranho, que o vento ou que um baldão do acaso
De negra terra encheu,
E onde, como em bojudo e caprichoso vaso,
Pallida flor nasceu.

Antigo protector da fronte nobre e ousada
D'algum moço guerreiro,
Sentiu-a latejar, doidamente abrasada
N'um [illegible]ho carniceiro;

Protegendo-a, sentiu dentro de si a voz
Da crueldade hirsuta,
Impetos d'exterminio e de vingança atroz,
Estos de fera bruta!

Mas o heroe baqueou: golpe certo e profundo
Prostrara-o n'um momento
E o elmo ouviu então do moço moribundo
O ultimo pensamento,

Que alçando-se no ar, como ave luminosa,
Foi para longe a voar,
Ate cair aos pes d'uma virgem formosa,
Que se poz a chorar.

Sonhos de Gloria e vos, odios, que nos tornaes
A vida em escuro inferno,
Sois uma cinza vã, sois cinza e nada mais
Só o amor e eterno!

De quanto palpitou no elmo refulgente
Só não morreu o amor,
Que, simples, virginal, balsamico e innocente,
Revive n'esta flor!

EUGENIO DE CASTRO

A força physica ◎ Motivos da sua supremacia na origem das sociedades ◎ O seu culto e o seu prestigio atravez dos seculos ◎ As grandes façanhas attribuidas a heroes de antigos tempos ◎ Os cavalleiros da edade media e os homens de nossos dias ◎ Os progressos sociaes, causa da decilinação da força physica ◎ Preferencia dada ao trabalho intellectual e ás profissões sedentarias ◎ Força natural e força adquirida ◎ Imprescindivel necessidade dos exercicios physicos.

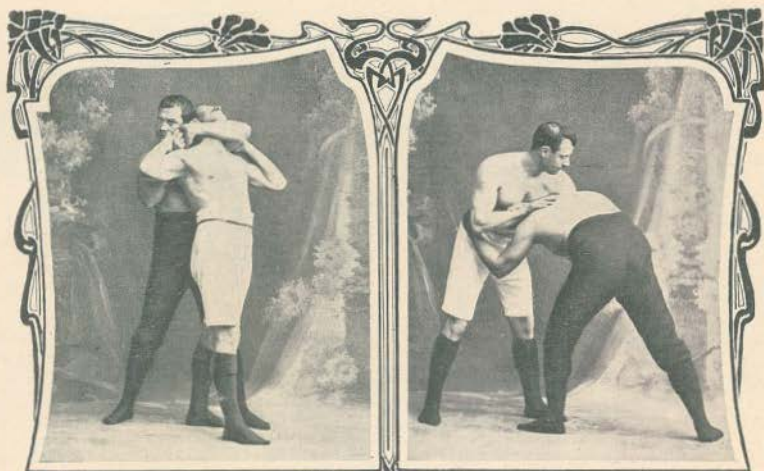
Na origem das sociedades a força physica era tida em grande apreço como um dos principaes e mais valiosos attributos do homem. Para este, a lucta pela vida resumia-se então, quasi exclusivamente, na caça, em que não poucas vezes se lhe deparavam animaes de colossal grandeza, que tinha de prostrar e vencer com armas muito rudimentares, que só o esforço do seu braço tornava proficuas. Por outro lado, não havendo ainda organisação social, e não existindo, conseguintemente, nenhumas garantias da segurança e dos direitos individuaes, viviam os homens entregues aos seus proprios recursos, vendo-se obrigados a defender-se e a manter e fazer respeitar os seus direitos sómente pela força de que dispunham. Em taes circumstancias, aquelle que, pelo excepcional vigor dos seus musculos, sabia repellir as aggressões dos seus semelhantes, e, em caso de necessidade, cobrir com a sua protecção os seus parentes, os seus amigos e os seus visinhos, elevava-se e engrandecia-se no conceito de todos os outros, e conquistava necessariamente a gloria e a celebridade. Tal é a origem da importancia que a força physica teve sempre entre os povos primitivos.

Decorreram seculos e ella continuou a manter, mais ou menos, o seu culto e o seu prestigio originarios. E' vêr as prodigiosas façanhas que se contam de muitos heroes de antigos tempos, e que não faltam na historia e nas tradições de todos os povos. A maior parte d'ellas afiguram-se-nos hoje simples lendas absolutamente inverosimeis; mas, para que não duvidemos da sua authenticidade, bastará considerar quanto devia ser excepcional a força d'esses cavalleiros da edade media, que combatiam completamente revestidos de ferro e cujas pesadas armaduras qualquer homem dos nosos dias a custo consegue levantar nos braços.

As sociedades, porém, foram-se desenvolvendo e aperfeiçoando por via de progressos successivos, até chegarem ao grau de civilisação em que actualmente se encontram, e em que o homem, sobretudo o das classes mais elevadas, não carecendo, em regra, de fazer uso da força physica, nem para garantir a sua conservação individual, nem para defender os seus direitos, nem para prover directamente ás necessidades da sua existencia, deixou que essa força se fosse successivamente atrophiando, pois que os exercicios do corpo começaram a ser postos de parte, pela preferencia dada ao trabalho intellectual e ás profissões sedentarias.

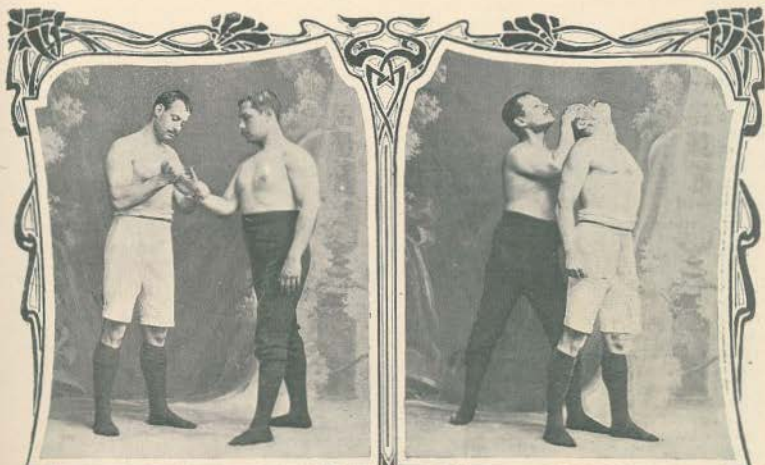
Portanto se ainda hoje, nas classes a que nos referimos, ha homens relativamente robustos, de arcaboiços fortemente constituidos e raro vigor de musculos, é porque herdaram essa robustez dos paes; a maioria, porém, dos que por ahi vemos são franzinos, de acanhado desenvolvimento, aspecto doentio e fraca potencia muscular. Podem estes ultimos, todavia, por meio de exercicios corporeos praticados diariamente, com regularidade e methodo, adquirir para os seus musculos um elevado grau potencial, melhorando ao mesmo tempo todas as condições do seu organismo e equilibrando as funcções d'este. Quanto aos primeiros, para manterem integras as suas faculdades naturaes, não deverão tambem descurar os mesmos exercicios, que portanto constituem uma verdadeira necessidade, quer para uns quer para outros.

Cruzada humanitaria em prol da educação physica em Portugal ◎ Os *sports* athleticos como um dos meios de conseguir a regeneração da nossa raça ◎ Sociedades gymnasticas, clubs sportivos e salas d'armas ◎ Beneficos resultados de uma activa e laboriosa propaganda ◎ O Estado e as sociedades particulares ◎ Sua respectiva influencia no movimento operado em favor da saude e robustez do corpo ◎ De que depende o exito na lucta pela vida ◎ Necessidade de tornar gratuita a educação physica ◎ A lucta franceza ao alcance de todos ◎ Vantagens que este exercicio offerece.

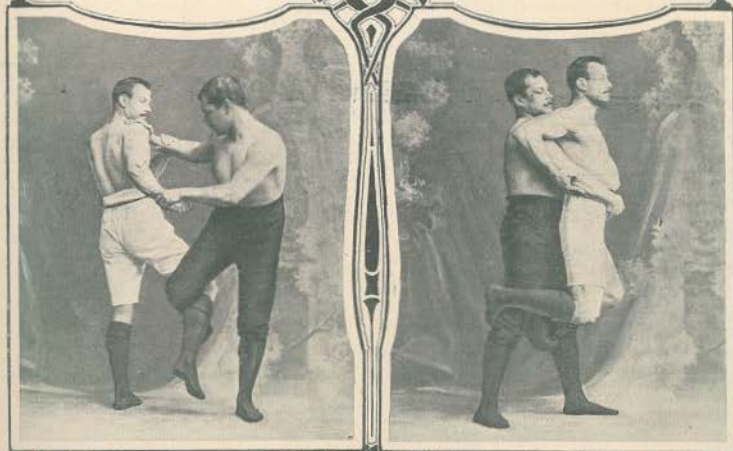
De ha annos que entre nós se começou a emprehender uma cruzada verdadeiramente humanitaria em prol da educação physica, reconhecida como um dos principaes meios a empregar para conseguir a regeneração da nossa raça, depauperada e enfraquecida por variadas causas,— além da que já apontámos,— qual d'ellas a mais nociva e deleteria. Mercê d'essa cruzada, e á semelhança do que já muito antes succedia lá fóra, em paizes mais cultos e adiantados, os *sports* athleticos, taes como o cyclismo, o *football*, o *cricket*, o *lawn-tennis*, o remo e tantos outros começaram a ganhar adeptos, que successivamente se foram tornando mais numerosos e enthusiastas. Fundaram-se so-

Collar de força por detraz

Collar de força pela frente

Torsão de braço á americana

Pancadas sobre as vertebras cervicaes

Torção de dedos

Esmagamento das vertebras cervicaes

Cambapé

Enlaçamento de pernas

ciedades gymnasticas, organisaram-se clubs sportivos, abriram-se salas d'armas; e todas essas escolas de educação physica, onde a par do vigor dos musculos se adquire a energia moral, tem contribuido poderosamente para o desenvolvimento dos organismos, com a pratica de exercicios tendentes a avigoral-os e a dar-lhes agilidade e destreza, isto é, a adaptal-os aos seus fins animaes e aos seus fins sociaes. E assim foi essa educação saindo pouco a pouco do lamentavel abandono em que jazia; e, se é certo que poucos são ainda os que cultivam com regularidade e persistencia um determinado genero de *sport*, é entretanto innegavel que actualmente uma grande maioria do povo portuguez manifesta verdadeiro interesse por tudo quanto respeita aos esforços musculares. E isso basta para que possamos prever para dentro em pouco os mais beneficos resultados, como fructo da persistente e laboriosa propaganda feita em favor da generalisação e progressos da educação physica.

Para tão benemerito como patriotico movimento apenas tem contribuido o Estado—força é dizel-o—com a recente introducção nos lyceus do ensino da gymnastica sueca; o resto tem sido feito, como dizemos, por sociedades particulares, desajudadas de toda a protecção official, e animadas tão sómente do louvavel desejo de prestarem ao paiz um bom e relevante serviço. Proseguindo sem esmorecimentos na missão a que se propuzeram, luctando contra o estulto preconceito, ainda em muitos arraigado, e que persiste em considerar os exercicios corporeos como um passatempo brutal e perigoso, improprio de pessoas que se prezam e receiam comprometter a sua balofa e inutil vaidade, essas sociedades teem ido preparando lentamente, mas efficazmente, uma completa revolução nos nossos habitos de bonacheirão indifferentismo pela saude e robustez do corpo. E pouco a pouco assim se tem ido divulgando a noção de que não basta, para ter probabilidades de exito na lucta violenta e encarniçada que é a vida de nossos dias, dispôr de um cerebro perfeito e de uma intelligencia culta, mas tambem, e principalmente, se carece de energia physica, de saude robusta, de musculos sufficientemente temperados para resistir ao cançaço, ás fadigas e ás privações, que um corpo debil e enfermiço de nenhum modo supporta.

A gravata

Do mais vasto alcance são os beneficios que ha a esperar da expansão dada á cultura physica; mas, para que ella alongue cada vez mais o raio da sua esphera, é necessario tornal-a, tanto quanto possivel, gratuita, pôl-a ao alcance de todas as classes sociaes, ainda as menos abastadas. Entre os operarios, como entre os modestos empregados, essa expansão, abrangendo-os, teria a vantagem de os fazer abandonar os pontos onde, com o pretexto de se recrearem, acabam por atrophiar as poucas forças que lhes restam, ao mesmo tempo que rebaixam o seu nivel moral e contribuem para a decadencia das suas faculdades intellectuaes.

Ora a lucta franceza é um exercicio que está ao alcance de todos, pois que, não exigindo apparelhos nem apetrechos de nenhuma especie, bastando, para a pôr em execução, a força muscular e o conhecimento das regras e preceitos a que obedece, é absolutamente gratuita. Tem além d'isso a vantagem de desenvolver o corpo de uma fórma normal e regular, pondo em acção, ao mesmo tempo, todos os musculos, e é um dos *sports* mais completos por exigir, além do vigor do esforço, muita agilidade, destreza e sangue frio. Por tudo isto resolveu a *Illustração Portugueza* contribuir para a sua divulgação, facultando aos seus leitores as regras tradicionaes de tão util exercicio, acompanhadas das gravuras necessarias á facil e immediata comprehensão do texto. Aprendendo a lucta conforme as indicações que exporemos, encontrarão todos aquelles que a esse exercicio se entregarem um meio efficaz, e ao mesmo tempo recreativo, de desenvolverem as suas forças e de alcançarem a confiança que todos devem ter em si proprios, e que em muitas contingencias da vida representa, só por si, uma enorme vantagem e uma indiscutivel superioridade.

O que é a lucta ◎ O seu papel na educação gymnastica e nos certamens athleticos da antiguidade ◎ A lucta nos tempos modernos ◎ Noticia dos systemas de lucta actualmente mais conhecidos ◎ A lucta livre ◎ A lucta do calção ou lucta suissa ◎ A lucta indiana ◎ A lucta turca ◎ A lucta na America do Norte ◎ O *jiu-jitzú* ou lucta japoneza ◎ A lucta franceza.

Lucta propriamente dita é o combate corpo a corpo, e sem armas, entre duas pessoas que reciprocamente procuram derrubar-se. A lucta fazia parte da educação gymnastica dos antigos, e sobretudo dos gregos, que a tinham no mais alto conceito e concediam valiosos premios e as maiores honrarias aos luctadores que, nos grandes certamens athleticos, taes como os jogos olympicos, isthmicos e outros, ficavam victoriosos.

Mas nem só os antigos povos tinham a lucta em consideração e apreço. Entre os modernos tambem ella não está tão abandonada como poderá suppôr-se, pois que existe em quasi todos os paizes, embora subordinada a regras e principios differentes. Na Inglaterra, na Allemanha, na Austria, na Italia e na America, em todos os tempos a lucta foi mais ou menos conhecida, mais ou menos praticada. Na Turquia, nas Indias, no Japão e na Persia pode-se affirmar que nunca deixou de ter voga. Em todos estes paizes divergem geralmente os processos empregados, o que entretanto não impede que todos elles derivem de uma lucta mãe, denominada *lucta livre*. Vamos enumerar as luctas mais conhecidas, e dar a respeito de cada uma d'ellas succinta noticia.

(Continúa)

A DANÇA DA LUCTA

Desde antigos tempos, foi sempre a dança a fórma mais nitidamente nacional dos regosijos do nosso povo.

O povo portuguez, nas suas grandes festas, nas suas grandes alegrias, nos seus grandes triumphos, dançava. Tivemos um rei, muito cruel e muito extravagante, que sahia do paço, de noite, precedido de trombetas de prata, para acordar o povo que dormia e foliar em danças com elle. São innumeras as danças cujo nome nos legou a historia. Algumas perpetuaram-se atravez os tempos, desde o seculo XIV até ao seculo XVIII, com o mesmo caracter, com a mesma designação, com o mesmo feitio. Não havia procissões sem danças. A procissão do Corpus-Christi, a procissão da Annunciada, a procissão de S. Sebastião, levavam no couce danças organisadas, — d'envolta com o *drago*, com a *serpe*, com as tourinhas que faziam a delicia do povo ingenuo do tempo. Durante bastantes annos a nossa religião, pelo predominio do elemento mosarabe, popular e colorido, — foi essencialmente e caracterisadamente uma religião pittoresca, movimentada, plebêa, irreverente, que fazia dançar a Virgem ao som de gaitas de folles e punha S. José, de lirio de prata erguido, a bailar a chacoina com o *Rei David*. Era a tradição. Na procissão do Corpo de Deus, este *Rei David*, figura patusca, togada de vermelho e coroada de ouro, com grandes barbas de estopa e um psalterio na mão, ia dançando adiante do pallio, grotescamente, entre as chufas da multidão. Semelhante costume, na verdade escandaloso, foi abolido por D. João V, que entendia que o velho mosarabismo popular e tradicional não devia perturbar, por principio algum, a solemnidade e a sumptuosidade das formulas do catholicismo romano. O *Regimento* da procissão do Corpus Christi (1517) e o *Accordo do Regimento* (1620) dizem pormenorisadamente quaes as danças que n'esse dia se organisavam. Os serralheiros e ferreiros dançavam o *arrepia* em redor d'uma figura de saggitario; os barqueiros bailavam o *villoco* em volta de uma imagem de S. Christovam; os oleiros eram obrigados a organisar «uma boa dança de espadas».

Esta ultima, — a *Dança das Espadas* era das mais antigas e das mais celebres. Foi aquella que mais se radicou na predilecção do povo; ainda no fim do seculo XVIII se dançava em Lisboa nos festejos populares e n'algumas procissões. Havia um maioral que atirava uma espada ao ar e a recebia na bocca, e em volta d'esse maioral, vestidos á romana, varios machulões dançavam batendo com as espadas nos escudos, ao som d'uma charamella e d'um tambor. Constituiu, durante seculos o privilegio dos oleiros da cidade de Lisboa: era d'elles, e só elles a podiam organisar. Depois, do meio do seculo XIII por diante, toda a gente dançou a *Dança das Espadas*, — mesmo sem ser oleiro. Por ultimo o costume das velhas folias perdeu-se, — e a antiga

e nobre dança degenerou n'um entremez carnavalesco sob a designação de *Dança da Lucta* ou *Dança da Bica*, — por ter sahido, durante muito tempo, da Bica do Sapato.

Tendo sido a alma das procissões e a alma das touradas nos seculos XVII e XVIII, — a *Dança das Espadas* passou a ser a alma do Entrudo lisboeta. É ainda o espectaculo de carnaval que mais attrahe e mais diverte o povo. Lá apparece, no couce da dança, de barbas de estopa, manto encarnado e corôa, o classico e tradicional *Rei David* a attestar a origem remota de semelhante exhibição. O seu caracter anachronico, a sua filiação historica, é evidente. Mal sabe o povinho, que nos dias de Carnaval faz circulo em volta d'esses homens de *maillot* grosseiro e maça ao hombro, que está diante d'uma das tradições populares portuguezas que durante seculos mais se teem perpetuado.

Hoje a *Dança da Lucta* é um verdadeiro «intermezzo» gymnastico, — mais do que uma dança caracterisada. O seu numero sensacional é a «pyramide», — em que os mais novos e mais leves se vão pondo de pé sobre os hombros dos mais velhos e mais musculosos, de forma a constituir uma authentica pyramide humana que se eleva á altura d'um primeiro e ás vezes de um segundo andar. Então a musica de tambores, trombones e clarinetes cala-se, ha um momento de espectativa anciosa, e os pobres diabos que constituem o vertice da pyramide saltam d'uma altura consideravel sobre as pedras da rua, como péllas, como macacos, com o *maillot* rasgado, com as lantejoulas a scintillar ao sol, no meio do applauso frenetico da multidão e dos assobios estridentes dos garotos.

Depois, um machulão de capacete e *sagum* verme-

Os batedores da *Dança da Lucta* rompendo a marcha junto ao theatro de D. Maria II

lho, vestido á romana, — o antigo maioral da *Dança das Espadas*, — vae percorrendo o circulo de povo a pedir esmola, emquanto os outros se preparam, sobraçando escudos e empunhando adagas de ferro, para a barulheira infernal da dança da lucta, que rebenta ao som das trombetas e dos bombos.

Por fim, os batedores, montados em miseras pilecas de carroça, cobertos com colchas de *crochet*, rompem a marcha atravez as ruas, e a dança, seguindo em fórma, atraz do seu estandarte e dos seus tambores, lá vae demandando outra praça, outro largo, outro canto de rua ou cunhal de esquina, para recomeçar novamente, fatigadamente, o seu «intermezzo» gymnastico e a sua triste peregrinação, a troco de cinco réis, de dez réis, d'um vintem que a multidão esbruga a custo, — sem se lembrar que muitos d'aquelles pobres palhaços feitos á pressa vão no dia seguinte dormir a um hospital ou morrer n'uma cama d'enfermaria...

◉

Presentemente, pela dissolução de todo o pittoresco nacional, as danças vão desapparecendo. O proprio Carnaval, velho abrigo da tradição popular, que durante annos conservou os typos eternos do velho de bicorne e da velha de capote e lenço, — vae-se recusando, pelos editaes da policia, a permittir a antiga dança das Espadas. Ao Entrudo tradicional e plebeu substitue-se insensivelmente um Entrudo regulamentado e aristocratico. As danças, que tinham constituido a parte mais brilhante das procissões do seculo XVI e das touradas do Terreiro do Paço no seculo XVIII, que conseguiram durante seculos divertir o povo, misturar-se ao elemento religioso, rodear os pallios dos arcebispos e dos patriarchas, entrar nas egrejas, tornar-se nas corridas de touros reaes, promovidas em 1752 pelo marquez d'Alegrete, o numero sensacional do programma, — as pobres danças das ciganas, das curraleiras, do *Manoel Trapo*, das damas de taboleiro da Praça, dos pretos de *Pay Domingo* e de *Pay Thomé*, foram desapparecendo para deixar como residuo final a antiga dança dos oleiros, de que um curioso folheto de cordel dizia ainda no fim do seculo XVIII:

> *«Ha de ir fazer cabriolas*
> *Dextramente compassadas,*
> *A velha dança de Espadas*
> *Que é hoje dos mariolas...»*

Dos oleiros passou para os *mariolas*, — quer dizer, para os moços de fretes, segundo a designação pittoresca do tempo. Em 1780 já tinha perdido o caracter de dança fidalga, de dança de privilegio, e começava a tornar-se o que é hoje, — um *intermezzo* gymnastico deploravel e perigoso. A *Dança das Espadas* degenerou em *Dança da Lucta*. Dentro em breve, pelas tendencias civilisadoras do Entrudo moderno, é fatal que terá de desapparecer e de extinguir-se finalmente, levando comsigo o maior, mais colorido e mais tradiccional divertimento do nosso povo.

A *Illustração Portugueza* reproduzindo os episodios mais caracteristicos

da *Dança da Lucta* ou da *Bica*, fixa, como documento inestimavel, essa reliquia ultima das velhas danças populares.

DANÇA DA LUCTA *[A pyramide]*

PALACIOS CASTELLOS E SOLARES DE PORTUGAL

X—A CASA DE SERGUDE

A nobreza de raça, após a queda do velho regimen, tem nas ruinas de Sergude o symbolo do seu destino e a campa do seu prestigio.

A quinta de Sergude, na freguezia de Sandim, fazia parte da grande casa dos Coelhos, senhores de Felgueiras e de Vieira; mas a residencia dos representantes de D. Egas Moniz n'esta casa não deve ser anterior ao meado do seculo XV.

O edificio foi evidentemente alterado e accrescentado no seculo XVII, mas ainda conserva a feição dos velhos domicilios aristocraticos.

Essas paredes nuas e solitarias recordam-nos tantos factos, entre mil lendas e tradições, que impossivel seria registal-os no pouco espaço d'estas paginas.

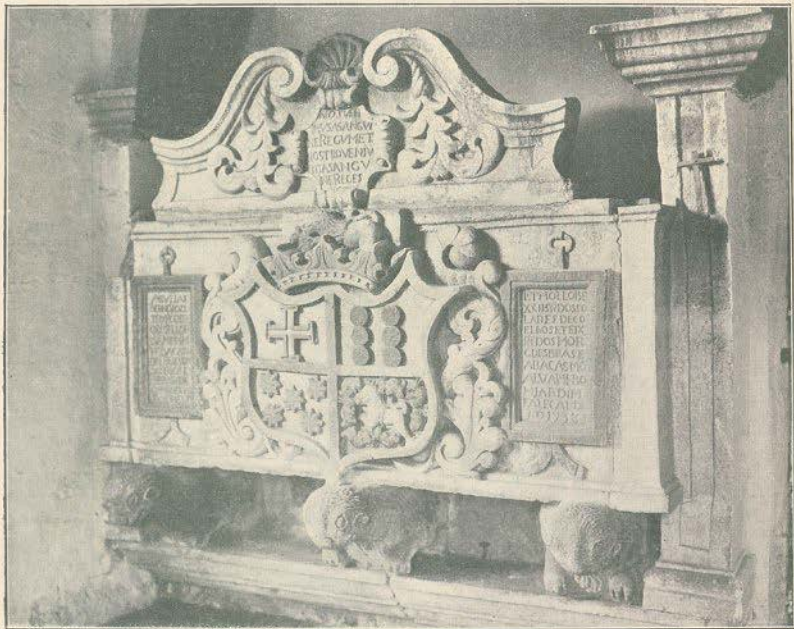
Referiremos resumidamente os mais interessantes.

O joven D. Antonio, futuro prior do Crato e infeliz pretendente á corôa portugueza, foi educado no mosteiro da Costa, no termo de Guimarães. Dado aos prazeres da caça, invadiu com seus monteiros as terras de Gonçalo Coelho da Silva; mas o orgulhoso fidalgo não agradeceu a honrosa visita do infante, e não consentiu que os monteiros levassem o javali que ali tinham caçado, «cosa que sintio mucho D. Antonio» como affirma o marquez de Montebelo.

Passados alguns dias, Gonçalo Coelho commetteu outro delicto que lhe ia custando a vida: sahiu ao encontro da justiça de Guimarães que lhe levava preso um seu creado, e fel-o soltar.

Conduzido sob prisão até Lisboa e condemnado á degolação valeu-lhe o prestigio protector de seu primo Manuel Machado, senhor de Entre Homem e Cavado.

E todavia Gonçalo Coelho deixou de si honrosa memoria: foi um dos martyres de Alcacer-Quibir, se ali houve heroes, entre tantas victimas.

Ali ficou tambem seu filho Ayres Coelho.

Um dos tumulos da capella de Sergude

Sergude fôra dado em dote a D. Joanna Coelho (filha de Gonçalo) para casar com Martim Teixeira de Azevedo, senhor de Teixeira e chefe d'esta notabilissima familia que o conde D. Pedro faz derivar de D. Egas Fafes de Lanhoso, assignalado cavalleiro nas emprezas de Jerusalem.

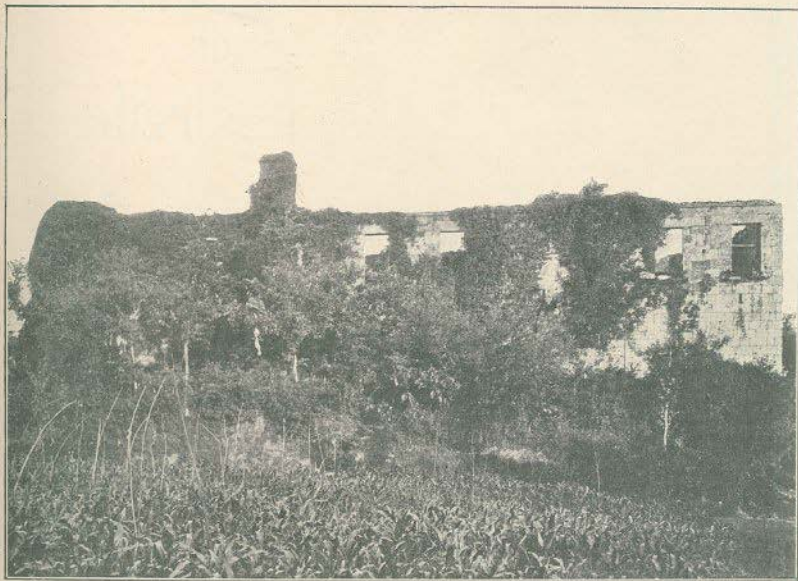
Mas não abandonemos Sergude sem relembrar uma tragedia que aquellas arruinadas paredes encobriram.

Umas questões de amôres «desconfianças femininas» a tal ponto irritaram o conde de Villa-Flôr, que este, achando-se ali de visita, matou a tiro de espingarda José Teixeira Coelho, irmão de Bernardo Teixeira.

Foi vingança divina, dizia alguem, porque essa victima tinha assassinado na casa do Bomjardim, por egual motivo, Luiz Cardoso Calvo de Moraes!

A decadencia d'esta grande casa começou pouco depois

O futuro marquez de Pombal, — que herdára de paes e avós a cubiça dos bens alheios e as manhas para o exercicio de fabulosas genealogias — resuscitou em 1750 a injusta pendencia ácerca dos vinculos instituidos por Pedro de Magalhães e seu filho Simão de Mello, na qual Martim Teixeira Coelho de Mello tinha obtido sentença final em 1705 contra seu avô Sebastião de Carvalho e Mello.

Gonçalo Christovão Teixeira Coelho defendeu-se, mas o tyranno ministro triumphou da justiça e pôde vingar-se, do contendor e do advogado: aquelle foi preso por inconfidente em 1756 e durante dezeseis annos soffreu os horrores da prisão no forte da Junqueira; e este, porque redigiu uma representação violenta e infamante contra o ministro d'el-rei D. José, apresentada ao monarcha pelo infeliz Martinho Velho, morreu degredado em Benguella.

Casa de Sergude

de Bernardo Teixeira Coelho entrar no tumulo que a gravura reproduz.

Se a casa do Bomjardim, na cidade do Porto, sobrevivesse á queda da nobreza, teria ali melhor opportunidade que em Sergude o registo dos factos posteriores á alliança d'estes solares. Aprazada a vivenda do Bomjardim *«onde se não plantavam carvalhos»* restam-nos apenas as ruinas de Sergude, onde a hera cresce e as silvas medram.

Os Teixeiras Coelhos, com os Pereiras Pintos, mofavam de Sebastião Carvalho, que a seu tempo soube vingar todas as affrontas. O futuro ministro, sendo moço, e vivendo em companhia de sua mãe, que havia contrahido segundas nupcias com Francisco Luiz da Cunha Athaide e Mello, chanceller-mór da Relação do Porto, pretendera casar com uma senhora d'aquella casa, mas tivera a irreverente e cruel resposta que o leitor conhece: *«No Bomjardim não se querem carvalhos»*.

A queda do orgulhoso marquez, mais cruel que o sanguinario conde de Basto, pôz termo a essa epoca de terror, abriu as portas dos carceres e revelou muitos segredos do despotico e venturoso ministro.

Gonçalo Christovão appareceu no Bomjardim, onde se ignorava o seu destino e se tinha tantas vezes rezado pela sua alma.

Casou pouco depois com sua prima D. Francisca de Noronha de Fermedo. Estes foram paes do brigadeiro Gonçalo Christovão Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita e bisavós da ex.ma sr.a D. Maria da Graça Teixeira Coelho Freire de Andrade, mulher de José Xavier Teixeira de Barros e mãe dos actuaes representantes d'esta illustre casa.

José Machado.

Os pastores na Serra da Estrella

Futuros pastores em flagrante á porta do casal

Longe do mundo e perto do céu, de surrão ao hombro e cão ao lado, apascentando, com o cajado, ovelhinhas mansas quando o sol bate a plena luz as cumiadas floridas de rosmaninho e tojo, chorando na flauta *ramaldas* doloridas quando o sol, tinto de sangue e ouro, esmaece suavemente as bandas do poente—é o pastor da Serra um typo lendario de força e poesia, aproveitado até pelo nosso mais apaixonado lyrico do seculo XVII como motivo originalissimo da sua *amavel philosophia*.

Mas é sobretudo pelo martyrio de uma vida de canceiras, distante do povoado, e para sempre finda no centro de uma paizagem dantesca, continuamente a mesma e continuamente differente, eriçada de penhascos cujos perfis angulosos, quando obliquamente tocados das sombras da lua cheia, dão o *simile* phantastico de immensa turbamulta de gigantes colossaes, eternamente parados e eternamente mudos,—é principalmente pelo encanto paradoxal da sua vida tão dura e tão suave, tão combativa e tão tranquilla, tão agitada e tão serena, que o Pastor da Serra prende o coração de quem, como eu, tambem abriga sob os «involucros postiços de um pensador» a alma candida e ingenua de um pastor transviado á guarda do seu «*alfeire*»...

✻

De capa serrana, chapéu braguez, tamancos fechados e saia arregaçada, é a pastorinha da Serra um exemplar completo das bronzeadas e musculosas moças, que nas romarias da região se apresentam acompanhando nos «*adufes*» as tôscas canções da Beira;—de «*pellica*», «*safões*» chapéu de borla, sapatos ferrados e polainas de coiro,—é o pastor da Serra um typico modelo, digno do estudo dos

Uma pastorinha com o seu cão

nossos pintores, se estes, por estranhas razões de puro *snobismo*, não marcassem uma systematica preferencia pela copia dos *paysans de la Bretagne*...

Depois, que ascendente superioridade a do pastor—homem de coração—sobre todos nós—homens de pensamento!... Porque eu estou intensamente convicto de que se cada desgraçado pudesse desabafar livremente com estes homens—não se registaria um unico suicidio,—tal é a animosa philosophia com que elles annotam os factos, tal é a altiva srenidade com que elles encaram a vida.

⁂

Basta analysar o sublime *rictus* de compassiva resignação com que, n'uma conversa simples, *portugueza*, aqui e além salpicada de termos já desusados mas bem classicos, o pastor nos diz: *«o leite é negro, senhor!»*

...*«O leite é negro!»* E quantas amarguras devoradas em silencio, sem

Um pastor da Serra da Estrella

um esboço de queixa ou um gesto de revolta, não revelam estas palavras?!

«O leite é negro»... E pelo vago dos seus olhos sombrios perpassa a nuvem melancolica do desgraçado fado que ora o sujeita á crueza das feras, quando o lobo excitado pela fome e animado pelo nevoeiro o ataca nos seus frageis bardos de esparto,—ora o expõe aos rigores do tempo, quando a neve batida pelo vento e desfeita pela tormenta o assalta nas suas improvisadas arribanas de granito...

«O leite é negro»... E assim, humildemente, resignadamente, o pastor resume as maguas de uma vida toda ingrata e aspera, arrastada, n'um rigido estoicismo, longe, muito longe do mundo e das vaidades, entre as aguias do céu e os lobos do monte...

Folgosinho (Serra da Estrella).

Velha pastora tascando o linho

JOÃO DE VASCONCELLOS.

Um rebanho junto ao Mondego

A Exposição da Escola Livre de Coimbra

Escola Livre das Artes do Desenho foi creada por Antonio Augusto Gonçalves para a propagação do estudo do desenho nas suas variadissimas applicações ás artes, artes industriaes e industrias fabris, para favorecer em Coimbra, e mórmente na classe operaria, o desenvolvimento do gosto, para promover o aperfeiçoamento das manufacturas e intelligencia das obras d'arte.

Foi decidida a empreza entre os discipulos de Gonçalves na aula de desenho da Associação dos Artistas, e começada com o maximo enthusiasmo no meio da indifferença se não da hostilidade publica.

Estava por esse tempo com o telhado a desabar a antiga casa do Senado, no andar superior da torre do Arco d'Almedina, abandonada depois de retirado o velho sino de correr.

Foi para a pittoresca torre que os artistas deitaram as suas vistas, solicitando a cedencia do andar superior em officio dirigido á camara em 31 de julho de 1878.

Eram artistas pobres e sem recursos, mas todos davam alegremente o seu trabalho nas horas de folga, aos domingos e dias santos.

Em breve estava prompta a casa e a escola installada.

E assim se formou, por um exemplo raro de iniciativa individual, em Portugal, o primeiro curso livre de estudos profissionaes.

Assim se manifestou pela primeira vez, no nosso paiz e em Coimbra, o reflexo dos trabalhos que desde 1851 andavam modificando completamente o ensino no estrangeiro e que mais tarde se haviam de traduzir em Portugal pela creação das escolas industriaes.

O estado florescente que hoje teem as industrias da arte em Coimbra, e que com tanto interesse é seguido por todo o paiz, deve-se á prioridade d'esta tentativa de ensino profissional.

A Escola Livre se deveu logo desde começo o serviço de conservar a velha torre da cidade, veneranda reliquia das muralhas de Coimbra, tão celebres nos fastos da historia patria.

Se a Escola Livre não tivesse valido á ruina que começára pela casa do Senado e se vinha infiltrando lenta mas poderosamente pelas paredes carcomidas do tempo, teria desapparecido uma das entradas fortificadas da cidade medieval mais pittorescas que conhecemos, e que até hoje tem escapado á curiosidade intelligente dos photographos amadores.

Foi n'aquella torre alta que se aninharam em volta do Gonçalves as vontades que haviam de triumphar de todos os preconceitos educativos da atrazada sociedade portugueza por um esforço de tenacidade que se admirou sempre, mas cuja utilidade social avulta apenas agora que a tarefa vae mais adeantada.

Fez-se uma primeira exposição dos trabalhos dos socios, depois segunda, com todos os artificios para levar ao engano a descuidada gente portugueza, com musica e foguetes que, d'aquella torre alta, se ouviam alegremente em toda a cidade.

O publico começava a interessar-se e os artistas, cada vez mais unidos e mais alegres, a procurar estenderem a sua acção.

Em novembro de 1882, a Escola Livre dirigia um appello aos industriaes e mestres de officinas de Coimbra e convidava-os a mandar os aprendizes a seu cargo á Escola, que se encarregava do seu ensino e se obrigava ao fornecimento gratuito de todos os utensilios e materia necessario.

O numero de matriculas subiu de 1882 a 1883 a 57 e no anno immediato a 118.

A todos a Escola deu ensino, vencendo difficuldades que ainda hoje parecem insuperaveis, por um esforço de iniciativa particular de uma tenacidade bem rara e bem para applaudir.

Ao mesmo tempo augmentava o seu material de estudo, promovia excursões artisticas, recolhendo objectos de alta raridade.

Cada artista tinha o seu album de apontamentos e Gonçalves a todos ensinava a tomar uma nota, a archivar um effeito de luz, um detalhe raro de decoração.

A Escola mobilava-se ao mesmo

Composição escolar—Pintura a oleo de Abel Elyseu

tempo com material moderno.

Finalmente, e como coroação d'esta bella obra, a Escola Livre promovia em 1884 uma exposição das industrias do districto, feita n'um espirito moderno, acompanhada de conferencias publicas, feitas por Joaquim de Vasconcellos e os drs. Antonio Candido, Augusto Rocha e Filippe Simões.

O jury distribuia 380 recompensas e intercedia junto aos poderes publicos para que facilitasse a Antonio Augusto da Costa Motta o accesso aos estudos superiores da Escola de Bellas Artes de Lisboa.

Era o alvorecer do talentoso artista, que tanto honra hoje a arte nacional e a terra em que nasceu.

Começava então a revelar-se a habilidade de João Machado, falava-se no canteiro José Barata.

E não ha hoje ninguem no paiz que não conheça estes nomes.

A Escola impunha-se ao favor publico, e o sr. dr. Bernardino Machado propunha em camaras que se lhe desse uma subvenção pecuniaria.

Escola Livre

Nada se conseguiu: as camaras recearam que pelo paiz inteiro se começassem a fundar escolas e não quiz abrir um precedente perigoso!...

A Escola continuava a trabalhar e pensava na creação do museu industrial.

Com a abertura da Escola Brotero a Escola Livre julgou acabada a sua missão.

Enganára-se. A iniciativa de A. Augusto Gonçalves nunca foi comprehendida nem ajudada pelas instancias superiores que lhe embaraçavam a obra, levantando-lhe difficuldades a todo o momento.

E assim foi que os artistas foram pedir a Antonio Augusto Gonçalves que abrisse de novo as portas da Escola Livre no interesse dos artistas de Coimbra.

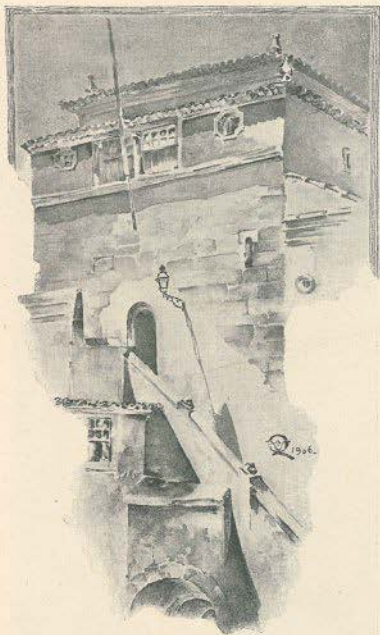
Assim se fez, e é esta exposição uma brilhante prova da necessidade e do valor do ensino de Antonio Augusto Gonçalves.

Analysando brevemente, como o pode a indole d'esta publicação, a obra dos expositores, principiarei pela de Antonio Augusto Gonçalves.

E accentuarei que Gonçalves não expõe obras de arte. O que lá se vê e que indica, no nosso apagado meio, a sua forte personalidade é uma fraude dos seus admiradores que as expozeram para lhe mostrar o seu respeito e a sua incondicional admiração.

Antonio Augusto Gonçalves não expõe obras de arte, o que figura seu, na exposição, são os artistas.

Antonio Augusto Gonçalves figura; como professor é a sua alma que encontraremos a evocar cada consciencia adormecida do artista, na obra sentida dos seus discipulos.

Este temperamento singular de artista deve ao acaso providencial de ter privado com Joaquim de Vasconcellos, com cuja amizade se orgulha, a forte orientação que o torna um mestre incomparavel.

A elle deve o caracter accentuadamente nacional de toda a sua obra, o desenvolvimento das suas lições de arte industrial portugueza.

A sua acção, a sua iniciativa, veiu-lhe dos ensinamentos da exposição londrina de 1851, origem de todo o movimento de transformação de ensino industrial.

O relatorio magistral do conde L. de Laborde teve em Portugal este echo inesperado.

Antonio Augusto Gonçalves viu cedo a necessidade de fortalecer pelo ensino as nossas industrias caseiras, da historia da arte portugueza.

Para que o ensino profissional fosse proveitoso deveria ser ministrado dentro das aptidões dos artistas portuguezes que era necessario estudar e descobrir.

Em cada localidade se deveriam favorecer as industrias tradicionaes, e aproveitar as vocações que se revelassem, na creação de novas industrias fontes de riqueza publica.

O ensino de Antonio Augusto Gonçalves traz, como nenhum outro, estas preoccupações do seu espirito.

Viu cedo que era nas industrias populares que teriamos de procurar a fonte vivificadora do nosso arido ensino artistico, e começou colleccionando, catalogando, investigando carinhosamente os vestigios das antigas industrias portuguezas e assim formou o seu espirito, assim embebeu a sua obra de caracter nacional.

Mas não se conservou nos limites estreitos do tradicionalismo, que não é isso para o seu grande espirito.

Não inquiriu só das industrias regionaes, procurou tambem aptidões, solicitando-as sem despertar vaidades, começando por tentativas simples, augmentando de iniciativa e de arrojo á medida que se ia formando a opinião.

A serralharia artistica rompendo em Coimbra sem historia anterior de trabalho importante local, e quando o trabalho correntio não parecia auctorisar emprehendimento de tal natureza com probabilidades de bom exito, mostra bem a extraordinaria perspicacia do seu espirito, a rigorosa certeza das mais imprevistas das suas concepções.

No artista que procurava o seu ensino, como no anceio com que ensinava, Antonio Augusto Gonçalves não curava apenas de o doutrinar na sua profissão, estudava o seu caracter, as suas aptidões e, se n'outra profissão encontrava mais livre campo para o exercicio das faculdades do discipulo, era o primeiro a aconselhar-lhe mudança para modo de vida mais consentaneo com as aptidões do seu espirito.

Para o Gonçalves, o individuo como o meio portuguez estão por estudar, o povo trabalha fóra do caminho que deveria seguir para desenvolvimento regular das suas qualidades, para o interesse do paiz.

E é tanto no passado, como no presente que devem procurar-se as indicações de uma boa orientação.

Por isso estuda as obras de arte antiga com tão grande applicação como se debruça a espreitar n'um operario o desabrochar de uma aptidão.

Tem desenhado os nossos monumentos e é sua uma tentativa arrojada de modelos em gesso de decorações de monumentos, em serie rigorosamente scientifica, obra da maior utilidade para o ensino, que não logrou haver o favor official.

Mas aos estylos, como á arte popular, Gonçalves não vae buscar mais do que as indicações geraes, estabelecendo a unidade de determinação em todos os estylos.

Antonio Augusto Gonçalves é homem do seu tempo e como os grandes artistas reformadores que caracterisam o movimento contemporaneo as suas aptidões são multiplas: modela, desenha, pinta, esculpe e escreve com rara elegancia n'um estylo colorido, cheio de imagens imprevistas, d'um humorismo raro, d'uma ironia ora doce como a sentença do philosopho, ora cortante como a phrase d'um pamphletario.

E ensina dentro das suas multiplas aptidões, tanto com a palavra persuasiva, como com o saber profissional d'um technico.

Discipulo seu aprende tanto a vêr como a ouvir e, como todos os verdadeiros pedagogos, Gonçalves nunca ataca de vez um erro profissional.

Deixa cahir ao acaso o preceito verdadeiro, depois muda de assumpto para voltar mais tarde, como por acaso. Por fim, um dia ajuda o discipulo a formular a conclusão que pouco a pouco se foi formando, e attribue-lhe todo o merito da descoberta.

E não ha mais amoravel professor.

Encanta vêl-o a ensinar, sem uma palavra de enfado, passando de um remoque a rir para uma phrase grave de bom conselho.

Um pagem (esculptura de A. Gonçalves para o Hotel-monumento do Bussaco)

Não ha exemplo de o Gonçalves ter achado má a obra de um alumno.

As suas palavras primeiras são sempre:

—Está bem...

Depois põe-se a olhar para o desenho demoradamente, a estudal-o, a vêr onde o discipulo não soube comprehender o modelo, até achar o defeito capital que revela, depois olha para o alumno e diz com decisão:

—Pois sim, senhor, está muito bem!...

Fica-se a olhar outra vez e depois começa:

—Isto aqui é que não é assim...

E apaga.

—Oh!... Oh!...

E continua com a borracha apagando os erros principaes, depois remata:

—Isto agora está bem.

E com surpreza do alumno o Gonçalves vae-se ao pouco que ficou do desenho e apaga-o.

Começa elle então a desenhar, traçando as linhas auxiliares e explicando:

—Eu já preciso d'isto, a minha vista ás vezes engana-me...

E' sempre o Gonçalves quem toma a responsabilidade de todos os defeitos de observação do discipulo.

—Aqui tinha o senhor isto...

E desenha umas linhas que o pobre alumno nunca vira.

—Isto aqui é assim. Mau! Estava como o senhor! Isto é muito difficil. Assim... agora aqui quebra, além alarga... prompto.

E assim executa o desenho todo.

Depois começa:

—Isto não é bem assim.

E apaga, apaga... inutilisando quasi todo o trabalho feito e dizendo para o alumno:

—Faça o senhor isso, que tem mais paciencia do que eu.

O alumno vae para o seu logar e com o pouco que o Gonçalves deixou vae pouco a pouco construindo o seu desenho, maravilhado com a facilidade com que lhe sae.

É que no que deixou, Antonio Augusto Gonçalves deixára as linhas instructivas.

E assim aprende o discipulo a anatomia do ornato, a sua vida, a sua funcção, a sua physiologia emfim.

O empenho que elle tem em fazer desculpar pelo discipulo qualquer palavra má que a impaciencia lhe fez soltar!

E' sempre uma historia que lhe serve, terminando no fim por tirar uma moralidade toda contra elle.

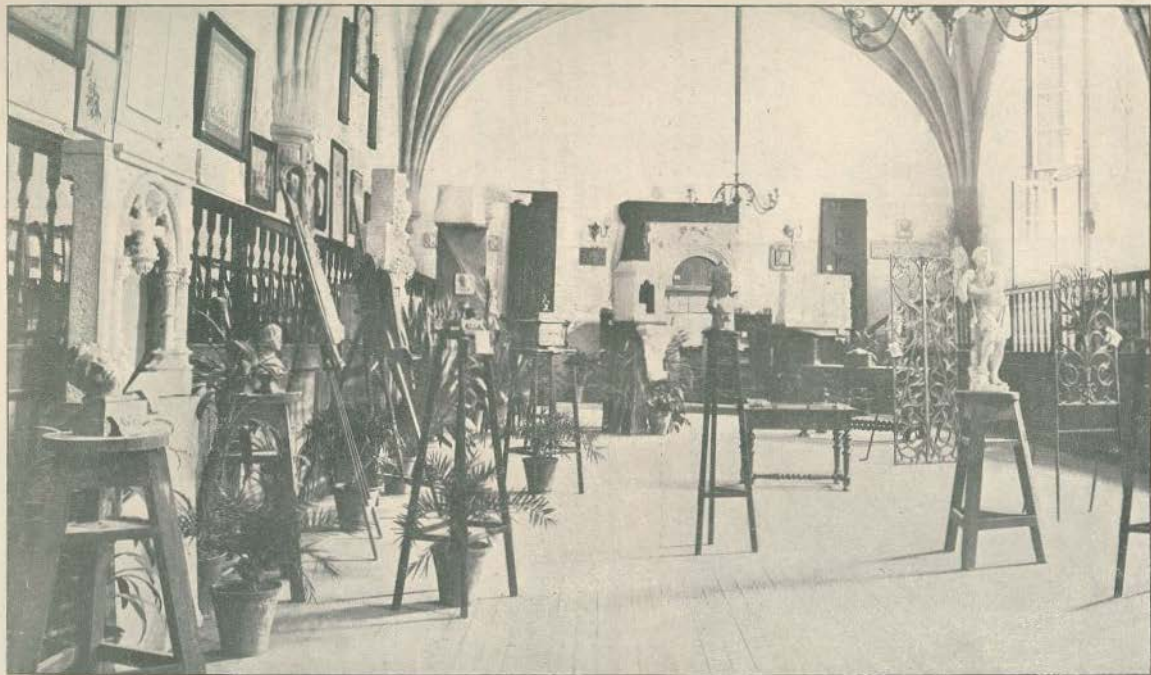
Ouviu-a ainda ha bem pouco tempo...

Um discipulo seu mettera-se em empreza grande de mais para as suas forças contra vontade do Gonçalves.

Quando foi mostrar-lhe a obra, o Gonçalves teve um sobresalto e começou aspero:

—Eu não disse ao senhor...

E continuou corrigindo com palavras duras e asperas que pouco a pouco foram adoçando terminando:

—Eu ás vezes pareço o Possidonio... O senhor conheceu o Possidonio? Não?! O Possidonio era um homem que

Aspecto geral da exposição

Esboço em oleo — A. A. Gonçalves

fazia tudo, de muita habilidade, mas um mentiroso terrivel. Tinha muita graça. Eu conheci-o ainda. Um dia estando com o Figueiredo deixou cahir esta phrase: quando eu andava em trabalhos do campo...

O Figueiredo que tinha então necessidade de aprender perguntou: você sabe d'sso?

Ora! respondeu fechando a bocca n'um sorriso o Possidonio.

Ensina-me? continuava avido o Figueiredo.

Pois sim! Não tem nada...

E o Possidonio começou a intrujar o Figueiredo e a falar a falar, a dizer cousas que nem elle proprio percebia.

Um dia foram para o campo. O Figueiredo ia collocando os instrumentos, o Possidonio passeava e chupava cigarros.

Quando o Figueiredo fazia qualquer pergunta o Possidonio engrossava a voz e dizia:

—Então como queria você que fôsse?

E quando o Figueiredo lhe dizia que o ensinasse gritava o Possidonio em voz que fazia fugir assustados os pardaes:

—Você não vê? Abra os olhos. Veja homem de Deus, não largue o instrumento. Vá! Que hei de eu vêr? O senhor vê com os seus olhos ou com os meus? Que diabo de difficuldade que você está a achar! Ande homem...

E dava-lhe um encontrão.

O Figueiredo por fim lá foi aprendendo á sua custa.

Eu estou como o Possidonio, quando não posso intrujo. Como não sei ponho-me a berrar. E rematava: ora vá o senhor para o seu logar e faça isto, que tem mais paciencia do que eu, que estou velho e rabujento.

Considera as exposições, os museus e as excursões artisticas como essenciaes. Vimos já como a Escola Livre realisou só por si uma exposição industrial. Temos por mais de uma vez falado nas excursões da escola. Quanto a museus, deve-se a Gonçalves a creação do museu municipal extincto por um acto errado de administração e é ainda aos seus esforços que se deve o desenvolvimento, o progresso do Museu de Antiguidades do Instituto, visto com justa admiração pelo paiz inteiro.

Resta um ultimo ponto a tratar—o naturalismo e as caracteristicas do seu ensino.

Gonçalves não acompanha a maior parte dos grandes decoradores contemporaneos no seu culto pelo japonisnio, na sua adoração pela natureza.

O exotismo não fala á sua serena alma hellenica. Não concebe tambem o furor com que os artistas andam copiando a natureza com o cuidado de naturalistas, não vá faltar-lhes algum caracter differencial.

A natureza é para elle como os monumentos artisticos, um grande repositorio de phrases bem feitas, que é necessario agrupar a proposito para exprimir claramente uma idéa.

Pintura em azulejo — Adriano Costa

Não copia uma flor, como não copia um estylo, não refaz a obra do artista, como não tenta copiar a obra de Deus.

E isto por um principio fundamental que domina toda a sua arte o *amor da materia*.

Para elle a arte decorativa não é o artificio de ornamentar a casa, mas sim a necessidade de

Quadro do sr. D. Libanio Gonçalves Neves

Exposição escolar — Pintura a oleo de Saul de Almeida

Prato relevado — Manuel Martins Ribeiro

ornamentar a materia, de mostrar toda a belleza do barro, da pedra, ou do ferro.

E a sua obra é uma obra forte em que a arte canta a belleza da materia.

Por isso desvia os seus discipulos de todas as aberrações de gosto a que é costume chamar *Arte Nova*, tendo como Grasset a opinião de que esta designação, que não significa grande coisa de preciso, envolve uma certa dose de pretenção a tomar o desejo pela realidade.

No ensino do desenho, como no da modelação, Gonçalves ensina a vêr e a representar, educa os olhos e as mãos sem pretender tornal-os rigidos instrumentos de precisão.

Com elle depressa se aprende a desenhar e a modelar. E' que o Gonçalves tem no ensino do desenho industrial o alto e vivificador principio de subordinar o desenho e a modelação ás exigencias da materia.

O modelo em barro é sempre uma simples indicação.

Para o comprehender basta comparar a estatua de pagem que está no Hotel do Bussaco com o modelo que hoje publicamos.

Pasta de quintanista — Manuel Martins Ribeiro

Emmolduração para mostrador de relogio — Alberto R. de Vasconcellos

Meu avô — Tentativa de retrato a oleo por Abel Elyseu

A subordinação da decoração á fórma, que accentua e não esconde ou desfigura, e a d'esta ao fim para que o objecto foi feito vêem-se sempre claramente no ensino do A. Augusto Gonçalves, que pelo desenho dos velhos edificios lhe faz apreciar a proporção, desenvolvendo nos seus discipulos o sentido do equilibrio, necessario em todas as obras de arte grandes como pequenas.

Simples rudimentos de architectura, noções de perspectiva e geometria completam o ensino de Antonio Augusto Gonçalves que tão levemente esboçamos, n'este já tão longo artigo.

Encontral-os-hemos sempre em toda a obra dos seus discipulos, nos que começam com tão promettedoras esperanças como Abel Elyseu, Saul de Almeida, Alberto R. de Vasconcellos e Adriano Costa, cujos estudos escolares hoje apresentamos, como nos que mais longe estão da sua influencia.

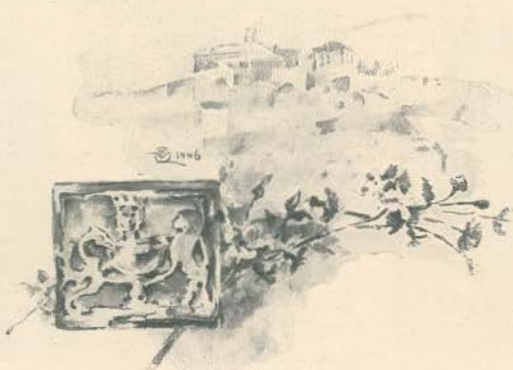
Vêem-se no ferro rude, como nos trabalhos em prata e ouro delicados de Manuel Martins Ribeiro o auctor da salva batida a martello, e da luxuosa pasta de quintanista que publicamos.

Reconhecem-se nos trabalhos dos operarios ingenuos e rudes, como na obra das senhoras delicadas que procuram o seu ensino e bom conselho, como nas delicadas flores que expoz sua irmã, a sr.ª D. Libania Gonçalves Neves, frescas de tons, espalhadas sem pretenção, n'uma linha graciosa, sobre setim azul.

A sr.ª D. Libania Gonçalves Neves revelou n'esta obra toda a gentileza da sua alma feminina, não perdendo a occasião de apresentar-se galhardamente ao lado dos alumnos da Escola de que é um dos associados mais antigos, quando os viu cheios de enthusiasmo a encetar uma lucta nova contra a rotina e os preconceitos educativos.

Analysando as obras de canteiro e de serralharia artistica, a parte capital da exposição, mostraremos a excellencia de tão bem comprehendido programma pedagogico e a necessidade de o generalisar para bem da industria nacional.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Porta da cidade — Escola Livre

A VIDA AMOROSA DAS ABELHAS

Não ha ninguem que desconheça a abelha, ou pelo menos que não tenha ouvido encarecer as suas faculdades de trabalho e de governo. Usualmente, as senhoras vêem n'uma abelha um bicho que *morde* e que faz doer, confundindo-a geralmente com a vespa, que por mais que ferre nunca morre, o que não succede com a abelha, como mais adeante exemplificaremos.

As abelhas constituem um numeroso grupo de insectos, pertencentes á ordem dos hymenopteros, isto é, insectos de quatro azas membranosas com algumas nervuras, com muitas semelhanças nas suas fórmas. Todas constroem cellulas ou favos para a protecção dos seus ovos e das larvas ou lagartas. Ha abelhas selvagens que fazem as cellulas em galerias que ellas mesmas furam, nos troncos das arvores e nas rochas, e outras fazem os ninhos com lama ou outros materiaes. As abelhas melliferas constroem as cellulas com a cêra segregada pelo seu corpo. Colhem o pollen e o mel ou nectar das flôres e nutrem as lagartas com uma mistura d'estas substancias; são por isso obrigadas a colher o mel continuamente. O mel tambem é posto de reserva em favos, para a nutrição das abelhas durante o inverno. Entre as abelhas solitarias, difficilmente se distinguem os machos e as femeas; estas ultimas são as unicas encarregadas de cuidar e alimentar as larvas.

Enxame de abelhas

Como as *vespas*, com as quaes teem numerosas afinidades, a communidade das *abelhas melliferas* compõe-se de machos ou zangãos, de femeas perfeitas ou rainhas (geralmente uma em cada colmeia), e de femeas imperfeitas, chamadas neutras ou obreiras, cujo numero póde ir de 20:000 a 80:000 em cada enxame. No estado selvagem, fazem os ninhos em buracos. No estado domestico, vivem em colmeias; mas, muito frequentemente, um enxame, abandonando a colmeia mãe, installa-se n'um buraco d'onde só a muito custo sae.

As abelhas fazem o ninho de fórma differente do das vespas. A femea ou rainha não trabalha para a formação do ninho, não cuida nem alimenta as larvas novas, como o fazem as vespas na primavera. O unico trabalho da rainha é pôr os ovos, que são immediatamente tratados pelas obreiras: estas nutrem as larvas e cuidam das chrysalidas. A rainha deixa a colmeia para ser fecundada, voltando immediatamente e não deixando mais a colmeia, a não ser para enxamear: cada novo grupo ou enxame é então acompanhado por uma rainha. Em todos os casos, fica uma no interior da colmeia, rodeada por um grande numero de obreiras, que a seguem á medida que ella deposita os ovos em cellulas, muitissimo bem limpas para este fim. Cada novo enxame não é, pois, o producto unico do trabalho da femea, mas é formado por uma colonia proveniente d'um ninho mais antigo, no qual as abelhas se tornam numerosas por ficarem no mesmo sitio, com vantagem para o bem estar da communidade.

Cada enxame compõe-se d'uma rainha, d'um certo numero de obreiras e de machos.

Quanto ás vespas, ha relativamente pouca differença entre as obreiras, as femeas e os machos, mas, entre as abelhas, as differenças são evidentes.

As figuras que reproduzimos mostram a fórma e o talho relativo das tres especies de individuos. Os olhos do macho são muito grandes, quasi se ligam no cimo da cabeça; na femea e nas neutras, os olhos são lateraes. As azas da rainha cobrem unicamente os dois terços do abdomen; o dorso do corselete (thorax) é quasi nú e envolvido o por

Abelha macho ou zangão

uma bordadura circular de pellos.

Os machos não fazem trabalho algum na colmeia. São produzidos, geralmente, por ovos postos em abril ou maio. Veam durante a parte mais quente do dia e copulam voando com as rainhas novas.

Se a fecundação d'uma rainha se realisa no vigesimo oitavo dia depois do seu nascimento, só põe ovos machos. Tem-se notado que, nas colmeias onde a rainha só põe ovos de obreiras (o que se dá quando a fecundação tem logar depois da rainha ter attingido o seu completo desenvolvimento, os machos são atacados no fim do outomno e mortos ás picadas.

Quando uma rainha só põe ovos machos, assim como quando morre ou é tirada da colmeia, os machos só são mortos quando a colonia está de posse de outra rainha. Não ha senão uma em cada colmeia, mas, quando se perde, as obreiras criam outra com as larvas de operarias, augmentando-lhe as cellulas e fornecendo-lhe uma grande quantidade de alimento. Por este tratamento, o primeiro periodo passa depressa e determina tambem uma modificação sensivel na estructura do corpo. As abelhas assim produzidas são verdadeiras femeas e possuem todas as particularidades physicas que as distinguem das obreiras. Quando se torna necessario substituir uma rainha, criam-se geralmente doze a vinte, para esse fim. Logo que a rainha attinge o primeiro estado perfeito, vae de cellula em cellula que contenha nymphas e faz um buraco. Se na cellula existe uma rainha prestes a sahir, esta ultima é picada pela rival mais antiga. As obreiras extrahem então as nymphas ou femeas mortas das cellulas e atiram-as fóra. Se sahem duas rainhas ao mesmo tempo, tem-se observado que uma mata a outra. O mesmo succede quando uma rainha entra n'uma colmeia estranha. Na epoca da enxameagem, as obreiram salvam do massacre tantas rainhas quantas as necessarias para a colmeia e para os enxames.

As obreiras differem das rainhas pelo seguinte: são mais pequenas, as mandibulas são mais proeminentes, as maxillas inferiores e a lingua são mais compridas, e as antennas e o labio superior são negros (na rainha, o labio superior é ruivo, e as antennas são d'um pardo escuro); as patas são negras, com os tarsos acastanhados; os segmentos da base dos tarsos e as tibias das patas posteriores são mais largas e concavas exteriormente e são cheias de pellos duros dispostos de forma a constituir um receptaculo, no qual transportam o pollen que colhem nas flôres, para a nutrição das abelhas e das larvas; o abdomen é mais largo e menos ponteagudo, e os tres segmentos do meio teem uma pequena bolsa cerifera de cada lado, perto da base.

Estas differenças são muito consideraveis; todavia, o facto das larvas das obreiras poderem, por um tratamento especial, produzir rainhas e possuirem rudimentos de ovarios (sem funcções), mostram-nos que são verdadeiras femeas, nas quaes os orgãos da reproducção ficaram rudimentares, para que se adaptassem a outros trabalhos uteis á communidade. As obreiras fazem todo o trabalho da colmeia; constroem as cellulas, colhem o mel, o pollen e a substancia resinosa conhecida pelo nome de «propólis», nutrem e cuidam das larvas. Estes trabalhos são tão variados, que as obreiras estão divididas em duas ou mais classes: umas preparam a cêra, outras constroem as cellulas, colhem o alimento e criam as larvas.

As cerieiras consomem muito mel,—porque são precisos 10 a 12 grammas de mel para produzir um gramma de cêra; — e depois reunem-se em grinaldas ou novellos e assim ficam immoveis durante vinte e quatro horas.

Abelha femea ou rainha

Durante este tempo, a cêra vae se formando em placas finas, uma em cada bolsa dos tres segmentos do meio do abdomen. Formada a cêra, a abelha destaca as placas, mastiga-as para as misturar com um liquido especial da bôcca e forma faixas, que deposita no sitio onde se devem formar as cellulas. Logo que as cerieiras depositam a materia, outras obreiras formam cellulas de differentes tamanhos, conforme o uso para que são destinadas, para crear femeas, machos ou obreiras. O bordo das cellulas termina por uma especie de verniz adhesivo vermelho, que evita que a cêra se funda facilmente.

E' o «propólis» a base principal d'este verniz. As abelhas colhem-no nas arvores que possuem gommos de escamas viscosas.

Os zoologos e os mathematicos teem assignalado, muitas vezes, a forma e o tamanho das cellulas, assim como a sua disposição particular que lhe permitte circumscrever o maior volume com a mais pequena quantidade de cêra. Uma parte das cellulas são occupadas pelos favos de creação (ovos,

Abelha mestra ou obreira

larvas e nymphas); as outras servem para armazenar o mel, e as cellulas de que sahem as abelhas novas são immediatamente limpas e cheias de mel.

As visitas que as abelhas fazem ás flôres, e pelas quaes se tornam muito uteis na fecundação de muitas plantas, teem por fim colher o nectar e o pollen. As abelhas colhem de flôr em flôr e engolem o nectar até que o estomago ou bolsa do mel esteja cheio d'este dôce succo. Colhem depois o pollen, formam pequenas massas com os grãos que se agarram ao seu corpo e collocam-o na bolsa do pollen, disposto no sitio ôco e pelludo das patas posteriores. Carregam-se, d'esta fórma, de alimento que transportam para a colmeia.

Colmeia antiga

O nectar soffre no estomago modificações pelas quaes se transforma em mel e é depois distribuido como alimento ás obreiras que trabalham na colonia ou é mettido nos favos. Os que conteem mel para consumo immediato não são fechados; mas os reservados para a nutrição de inverno são cobertos de cêra, desde que o mel que contém esteja sufficientemente consistente. O pollen é tambem consumido logo pelas que o colhem, pelas obreiras da colmeia, dado ás larvas, ou armazenado em cellulas ou favos para uso ulterior. É sobre estas provisões que as abelhas vivem durante o inverno; por consequencia, a vida não se suspende quando se approximam os frios. Podendo alimentar as larvas do outomno, as abelhas não as destroem, coisa que fazem as vespas. Depois de *crestar* uma colmeia (cresta é a operação de extrahir o mel) é necessario fornecer ás abelhas agua e assucar, ou outras materias assucaradas, com as quaes preparam o mel e que podem consumir em seu logar.

Existem muitas raças de abelhas domesticas de que a *Apis mellifica* é a mais commum e foi tomada como typo para esta descripção; as outras differem em detalhes de importancia secundaria.

As abelhas são especialmente constituidas para extrahir o mel das flôres, que se encontra situado no fundo de um tubo com mais de 7mm de comprimento. A lingua da obreira compõe-se de cinco peças, das quaes a parte central (ligula) está cheia de pellos perto do vertice e serve para lamber o nectar. As flôres, cujo mel se encontra na extremidade de um tubo estreito, são particularmente attrahentes para as abelhas, porque, estando fóra do alcance da maioria dos outros insectos, lhes fornecem por conseguinte uma ampla colheita. O mesmo succede com o pollen. Ha flôres cujos orgãos sexuaes se encontram dispostos de tal fórma que, torna muito difficil, se não impossivel, a fecundação; ora as abelhas, visitando uma flôr, carregam-se de pollen, e visitando a seguir outra, passam pelo pistillo e activam d'esta fórma a fecundação, que d'outra fórma se não faria. Effectuam assim a fecundação cruzada, phenomeno cuja importancia para a producção das sementes ferteis tem sido provada por numerosas experiencias. Comparando as differentes especies de abelhas, encontra-se que a abelha mellifera é a que mais se adapta para effectuar a fecundação cruzada das flôres que visita, a fim de colher o nectar e o pollen. A abelha mellifera só visita um ou dois generos de flôres em cada dia, e só passa para outras quando o nectar se esgotou ou é insufficiente para as alimentar continuamente.

As *abelhas mestras*, *mães* ou *rainhas* são, como já dissemos, femeas chegadas ao seu completo desenvolvimento, graças ás espaçosas cellulas em que são criadas e tambem á alimentação fortificante (chylo puro) que lhes é distribuido. Pouco tempo depois do seu nascimento, no primeiro dia bom, nas horas mais quentes, a nova mãe sahe da colmeia, e, depois de ter marcado o sitio a que se deve dirigir, toma o vôo para as altas regiões da atmosphera, seguida de numerosos zangãos (machos) que luctam em velocidade para obter o favor que o eleito deverá entretanto pagar com a vida. A mãe é fecundada uma só vez durante toda a sua existencia. Póde pôr até 3:000 ovos e mesmo mais por dia.

Uma mãe póde viver até quatro annos, mas a sua fecundidade diminue desde o segundo anno, e é morta e substituida pelos seus proprios filhos desde o terceiro anno, no interesse da communidade.

É a mãe velha que acompanha o primeiro enxame: são as filhas que acompanham as que seguem. Estas são mantidas nas suas cellulas pelas obreiras até ao momento em que o enxame vae partir. Logo que partiu o ultimo enxame, a primogenita das novas mães que ficam procede á destruição das suas irmãs mais novas, depois emprehende a sua viagem de nupcias e dispõe-se a tomar, por completo, o logar vago deixado pela mãe que emigrou.

Cellulas ou favos de cêra com a creação em todas as edades

Um enxame não é só composto das obreiras e da mãe; comprehende tambem, como já dissemos, um numero maior ou menor de machos; são algumas vezes muito numerosos e diminuem bastante o valor intrinseco do enxame.

Cada novo enxame enfraquece

consideravelmente a colmeia, e tira-lhe grande parte da população valida, a ponto que, se o primeiro enxame, geralmente o melhor, sahe no começo da colheita do mel, habitualmente este enxame produz muito mais do que a colmeia d'onde sahiu. Resulta d'isto que uma colmeia que não enxameia, e guarda por conseguinte todas as suas colheitas, dará um producto melhor do que se enxameasse.

Evita-se a enxameagem augmentando judiciosa e progressivamente, na primavera, o espaço de que a mãe tem necessidade para a sua postura e o que reclamam as obreiras para armazenarem a colheita. Procedendo assim e assegurando uma boa ventilação na parte baixa da colmeia, sem corrente de ar, restringe-se efficazmente o habito de enxamear. Além d'isso, não deixando multiplicar senão as colmeias pouco dispostas a enxamear, chega-se a manter, com facilidade, a enxameagem em limites racionaes. E' sempre facil augmentar o numero de colmeias por meio dos enxames artificiaes, que teem pelo menos a vantagem de se poderem fazer no momento e em numero desejado.

Cellulas de machos e de obreiras

As *obreiras* são femeas incompletas cujo desenvolvimento foi retardado pelas dimensões exiguas das cellulas que lhes serviram de berço. Em logar de receber continuamente o chylo para nutrição, a larva só recebe desde o terceiro dia, depois do seu nascimento (o setimo dia depois da postura), uma mistura de chylo, de mel e de pollen; esta nutrição é mais difficil de assimilar do que a que recebe a larva da mãe e contribue para diminuir o desenvolvimento dos orgãos. A larva proveniente de um ovo fecundado posto n'uma cellula de obreira pode ser empregada para produzir uma mãe; basta para isso que se lhe offereça uma nutrição apropriada e que a cellula seja augmentada em tempo util, para contribuir para o seu inteiro desenvolvimento. No emtanto, como as abelhas começam a mastigar o alimento para as larvas desde o terceiro dia até que nascem, com o fim preciso de restringir o seu desenvolvimento, é facil comprehender que as larvas cuja sahida se fixe desde o segundo ou terceiro dia do seu estado perfeito serão as que melhores mães produzem, as mais vigorosas e as mais fecundas, pois que não terão cessado um só momento de receber o chylo puro sem nenhuma addição atrazadora.

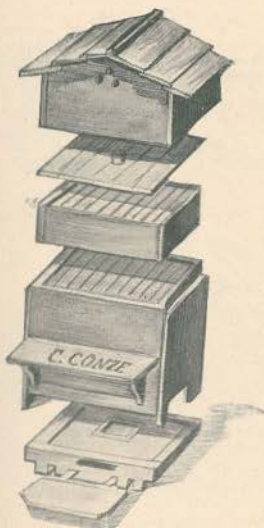
Apparelho de veneno da abelha — *A*) Ferrão

Ha ainda a notar que, se as abelhas possuem assim o meio de produzir uma mãe durante todo o verão, é ainda necessario que essa mãe possa ser fecundada; a presença dos zangãos nos arredores e a possibilidade da mãe os encontrar no seu vôo, são então as condições necessarias para chegar a um resultado verdadeiramente pratico. Estas condições indispensaveis limitam, como se vê, n'uma certa medida, a epoca em que é possivel criar utilmente as mães, uma vez que se tenha o cuidado de provocar algum tempo antes a criação de machos n'uma colmeia visinha.

Os machos ou zangãos só servem para a fecundação das mães; não produzem qualquer trabalho e não colhem nada; são mesmo incapazes de se nutrir independentemente, porque consomem muito mel na colmeia, e mesmo a bocca não foi feita para comer o pollen rico em azote, esse complemento indispensavel de toda a nutrição animal. Recebem este elemento, sob a fórma de chylo, das suas irmãs obreiras, que são então verdadeiramente as suas alimentadoras.

Ponta do aguilhão da abelha

Julgou-se durante muito tempo que as abelhas matavam os machos, passada a epoca da fecundação das mães, mas não é assim. As obreiras negam-lhes muito simplesmente o chylo sem o qual não podem viver. Esta privação enfraquece-os rapidamente e acabam por ser im-

A) Cabeça do macho — *B*) Cabeça da operaria — *C*) Cabeça da rainha

Colmeia movel aberta

placavelmente atirados para fóra da colmeia onde morrem de frio e de fome.

A opinião, infelizmente muito espalhada de que a abelha ataca os fructos e causa assim prejuizo ás colheitas, não tem fundamento. Está hoje provado que os orgãos da bocca são tão rombos que lhes não permittem furar a pelle de um pecego ou mesmo a de um abrunho. São os pardaes, os melros e sobretudo as vespas que estragam os fructos.

A abelha só vae colher o liquido que de outra maneira se perderia. São as vespas que furam os fructos e os estragam; antes d'isso a abelha nem lá se chega. A abelha representa um papel bemfeitor no seu commercio com o reino vegetal, papel previsto, attendido pela natureza, e que consiste em assegurar a fecundação das flôres.

A apicultura, pelo serviço que presta á horticultura e á agricultura sob o ponto de vista da fecundação das flôres, pode, muito justamente, ser considerada como elemento de grande importancia para uma e outra.

Precisa de um dispendio relativamente pequeno e o tratamento de seis a dez colmeias não offerece nenhumas difficuldades, mesmo para as intelligencias mediocres, desde que se seja um pouco cuidadoso e que se possam consultar algumas das excellentes obras especiaes sobre o assumpto.

As abelhas teem tambem contra si o medo de todos, porque ferram; a abelha só em ultimo caso ferra o aguilhão, porque morre logo a seguir. A vespa é que por mais que ferre não morre. A razão da morte da abelha explica-se da seguinte fórma: O corpo da abelha termina-se por um aguilhão denticulado, escondido no ventre no estado de repouso, mas que póde sahir á vontade. Se der uma picada, isto é, se entrar na carne, os denticulos reteem-no com uma parte do intestino, de maneira que a abelha, que não póde viver desorganisada, deve infallivelmente morrer. Este ferrão está furado por um canal que communica pela base com um reservatorio de veneno, causa principal da dôr que se sente depois d'uma picada. O macho não tem ferrão e a rainha não se serve do seu contra o homem, nem mesmo contra os insectos estranhos, como tem havido occasião de se observar.

Hoje, porém, acha-se removido o inconveniente da abelha ferrar. Na America do Norte, reproduziu-se uma especie de abelhas «caucaseas», que todos podem tratar e que não picam. Ha pois toda a conveniencia de se reproduzir essa especie, susceptivel de um grande futuro, se notarmos que as senhoras se dedicariam á apicultura uma vez que se lhes garantisse a mansidão das abelhas. As figuras que publicamos mostram bem até onde a sua docilidade chega e reproduzem factos passados na America do Norte durante essas experiencias.

O tratamento das abelhas é tambem uma grande distracção e uma excellente occasião para os observadores fazerem encantadores e attrahentes estudos, duas cousas que não são para desdenhar no campo.

Os usos do mel são muito numerosos, mas estão longe de ser tão conhecidos como merecem: o mel não é sómente uma sobremeza, constitue tambem um alimento são, leve e fortificante, é um assucar que póde passar sem digestão, por assim dizer, e é muito mais assimilavel que qualquer alimento; tanto o póde comer um velho como uma criança.

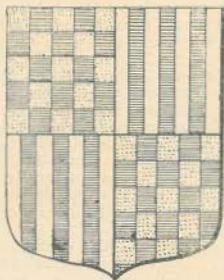
De todos os insectos, a abelha é o unico que consegue fazer prender a attenção de todos até ao sacrificio, pelo seu labutar constante e pela ordem de todos os seus trabalhos.

ARMANDO XAVIER DA FONSECA.

Colmeia movel antiga

ARMORIAL PORTUGUEZ

POR

H. C. AMADO

Aboim

Aboim. Escudo esquartelado: o primeiro quartel xadrezado de ouro e azul; no segundo, em campo de ouro, tres bastões ou palas de azul; e assim os contrarios. Timbre: dois braços vestidos de azul, segurando nas mãos um taboleiro de xadrez egual ao primeiro quartel do escudo.

Abreus

Abreus. Em campo vermelho, cinco azas de oiro, com sangue nas cortaduras e postas em santor. Timbre: uma aza do escudo.

Achioli

Achioli. Em campo de prata, um leão azul armado de sanguinho. Timbre: o mesmo leão.

Affonso

Affonso. Escudo partido em pala, sendo a primeira pala cortada em faxa: na primeira, em campo verde uma torre de prata lavrada de preto; na segunda em campo de ouro uma aguia negra de duas cabeças, aberta e armada de sanguinho; - na segunda pala, em campo de prata, um leão vermelho armado de azul. Timbre: a aguia do escudo.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.